

PARKOUR: CORPO E ESPAÇO REESCREVEM O SUJEITO

Eni Puccinelli Orlandi

Universidade Estadual de Campinas

Universidade do Vale do Sapucaí

Resumo: *Movimento, corpo e espaço se conjugam na arte do deslocamento na reescrita do sujeito e na ressignificação do trajeto/narrativa do traçado das ruas, muros e cidade. Corpo e espaço se conjugam na produção de sentidos da cidade. Corpo homem, corpo transformação, corpo sujeito, corpo animal. Sujeitos em fuga, sentidos em deslocamento. Uma análise do Parkour.*

Abstract: *Movement, body and space combine in the art of displacement in the rewriting of the subject and in the re-signifying of the path / narrative of the layout of the urban streets and walls, and of the cities. Body and space combine in the production of senses of the city. Man-body, transformation-body, animal-body. Subjects running away, senses in displacement. An analysis of Parkour.*

*“O que está sempre falando silenciosamente
é o corpo” (Norman Brown)*

A letra, gesto fundamental da escrita, é o traço da entrada no simbólico (ORLANDI, 2001). Marca irrecorrível, neste gesto, sujeito e sentidos se conjugam, na metáfora.

Mas é preciso dizer que, por aí mesmo, escrita e oralidade se distinguem: a escrita é uma relação distinta da estabelecida pela oralidade com a história. Porque difere, nelas, o modo como sujeito e sentido se filiam à memória, se inscrevem na discursividade, ou seja, nos efeitos materiais da inscrição da falha da língua na história.

O traço, como gesto da escrita, tem sua materialidade e significa¹ em suas condições de produção, em que se configuram o sujeito e a situação.

A tecnologia da escrita é, na contemporaneidade, um fenômeno urbano por excelência. E, nesta direção, pensamos a cidade como espaço político-simbólico em que a escrita acontece em suas formas de textualização. Espaço material concreto que funciona como um sítio de significação e que demanda gestos de interpretação particulares a sua forma material. Portanto, à forma (material) da cidade. Espaço político, logo, espaço da divisão, da dissimetria, do resto.

A questão que temos trabalhado é: como a cidade se significa? Considerando como o espaço, que é a cidade, se diz, se simboliza, e como a linguagem se espacializa nela. Não é menos importante, nestas condições, compreender o que podemos considerar “linguagem” na cidade, pensada como espaço político-simbólico, como espaço de interpretação.

Temos nos interessado – no espaço da cidade, espaço de significação, em que sujeitos significam - pelo que temos chamado de *metáfora da letra*, ou seja, entre outros, pela pichação. Também a pichação, que se faz no mundo globalizado, é uma tecnologia da escrita, que se apresenta como tecnologia que se liga às mídias sociais. Tem seus instrumentos – o spray e a metaforização da letra – que funcionam como os das mídias sociais – o digital – em processo de significação similar. Na tecnologia da pichação, o espaço da letra são os muros, paredes, superfícies do espaço público. Consideramos esta a forma como o sujeito, segregado, se simboliza, inscrevendo-se, na materialidade deste espaço, como sujeito histórico e simbólico, que assim se presentifica, toma posse do mundo, ainda que à revelia².

Neste trabalho, avançamos um pouco mais: vamos trabalhar o que se tem chamado “Parkour” como escrita de si. Forma material em que o sujeito significa, com seu corpo, em formulação inscrita na materialidade do espaço da cidade. Textualização urbana, feita de corpo, espaço, sujeito, movimento e sentido. E desenvolvemos isto a partir da ideia de que a cidade tem uma narratividade (ORLANDI, 2001), a narratividade urbana, que não tem um narrador particular, mas um conjunto de espaços narrativos, que vão-se construindo, como

a pichação, a tatuagem, o esporte urbano, as lendas urbanas, o Parkour etc.

Temos procurado compreender como os sujeitos urbanos se encontram formulações próprias a este espaço de vida. São “modos de dizer” que desorganizam o espaço burocrático do urbano tradicional. Sujeitos que atravessam processos estabelecidos e se metaforizam, se subjetivam de outras maneiras, em outras formas significantes. Formulações que se apresentam como fulgurações (brilhos), iluminações em que o que chamamos de narrativa urbana se estampa (se imprime). Flagrantes. Como formulado em *Discurso e Texto* (ORLANDI, 2001), onde dizemos que “o sujeito é parte do acontecimento do significante”, estamos interessados na “tomada dos lugares, dos momentos que precisam de sentidos e que se significam seja pela arte, pela desorganização do discurso ordinário, ou pela violência que desorganiza o imaginário urbano, na falta de sentido, para chegar ao real da cidade”. O Parkour: trajetos e modos de impressão do corpo no espaço da cidade se inscrevem no traçado narrativo.

Consideramos a narrativa, e neste caso pensando o urbano, não no sentido tradicional, ou tipológico, mas porque é aí que a cidade se conta, se diz, é aí que ela se encontra uma discursividade. Por outro lado, temos novas formas sociais do sujeito se significar. Há, muitas vezes, nestes casos, uma indistinção entre o corpo do sujeito e o corpo da cidade. Quando o espaço é silenciado, tenho dito, o espaço responde significativamente: é o caso das pichações, dos grafittes, das músicas urbanas como o rap, e do que tratamos aqui: o Parkour. Flagrante urbano. Narratividade urbana: o corpo do sujeito e o da cidade, juntos, na formulação. O Parkour, tecnologia do corpo, trilha/narrativa, do sujeito na reescrita de si, compõe estas formas materiais que são também parte deste mundo globalizado. Pichação, Parkour: acontecimentos significantes urbanos.

Cabe, aqui, fazermos referência ao que diz Beauvoir (2002, p.87):

A teoria do materialismo histórico pôs em evidência muitas verdades importantes. A humanidade não é uma espécie animal: é uma realidade histórica. A sociedade humana é uma antiphisis: ela não sofre passivamente a presença da Natureza,

ela a retoma em suas mãos. Essa retomada de posse não é uma operação interior e subjetiva; efetua-se objetivamente na práxis.

Continuando, Simone de Beauvoir (*idem*, p.69) vai falar sobre a vida como uma relação ao mundo. Diz a autora: “é escolhendo-se através do mundo que o indivíduo se define, é para o mundo que nos devemos voltar a fim de responder as questões que nos preocupam”.

Estendendo esta reflexão para o corpo, que é o que nos ocupa neste texto, junto ao indivíduo e à sociedade, podemos ainda citar o que diz Simone de Beauvoir (*idem*): “o corpo não é uma coisa, é uma situação: é a tomada de posse do mundo e o esboço de nossos projetos”.

A meu ver, nada é mais próprio para pensar o sujeito do Parkour: posse do mundo; o indivíduo escolhendo-se³ através do mundo para se definir. Práxis identificadora. O sujeito definindo o corpo a partir da existência. Escolher-se através do mundo: historicidade, materialidade da existência.

Desse modo, e ainda refletindo sobre o que diz Simone de Beauvoir, podemos dizer, com ela, que não é na abstração biológica, nem só na energia muscular que podemos definir concretamente o corpo, mas nas referências existenciais, econômicas, sociais. Simbólicas. E, no caso da perspectiva discursiva, que é a nossa, na produção de um imaginário, pela interpelação ideológica do indivíduo em sujeito em sua materialidade e nos modos de sua individuação que presidem seu processo de identificação. Pensando esta materialidade do sujeito, o corpo é o corpo vivido pelo sujeito: “*tomada de posse do mundo e o esboço de seus projetos*”. Portanto, além da existência/práxis, trazemos, para a reflexão, a linguagem e a ideologia, ao pensar a constituição do sujeito na relação com o mundo, a sociedade, a história. E podemos dizer que o sujeito do Parkour se significa, tomando posse do mundo/simbolizando-se no corpo a corpo com a materialidade da cidade.

Podemos deixar de fazer, como temos feito até agora, uso da noção de “pertencimento” (BATAILLE, 1946), agora derivando para a de *posse de mundo* e de *esboço de projeto*, nesta práxis de indivíduos que buscam se singularizar, escapando à “individualização em série do capital” (GUATTARI & ROLNIK, 2005), tomando a ideia de posse

de mundo e de esboço de projeto na direção da não alienação⁴ trabalhada por Marx.

1. Parkour: narratividade e arte de deslocamento

Retomamos aqui a questão da narratividade, no caso, urbana, já que a questão do processo de significação em que se inscreve o Parkour apela para esta noção. Propomos pensar *a narratividade como a maneira pela qual uma memória se diz em processos identitários, apoiados em modos de individuação do sujeito, afirmando/vinculando (seu “pertencimento”) sua existência a espaços de interpretação determinados, consoantes a específicas práticas discursivas*⁵. Isto é narratividade enquanto *processo* e não como “gênero” como usualmente é definida.

Como se sabe, o Parkour é uma forma de deslocamento no espaço. Tem sua origem ligada ao esporte, e a exercícios militares.

Vejamos como o Parkour tem sido definido: “**Parkour** (por vezes abreviado como **PK**) ou **l'art du déplacement** (em português: arte do deslocamento) é uma atividade cujo princípio é mover-se de um ponto a outro o mais rápido e eficientemente possível, usando principalmente as habilidades do corpo humano. Criado para ajudar a superar obstáculos de qualquer natureza no ambiente circundante — desde galhos e pedras até grades e paredes de concreto — e pode ser praticado em áreas rurais e urbanas. Homens que praticam parkour são reconhecidos como traceur e mulheres como traceuses”. Abaixo, um exemplo:



Figura da *web* – uma técnica tradicional do Parkour: uma Wall Climb para Top Out.

O *Parkour* foi criado na França, em Sarcelles, Lisses and Evry por David Belle⁶.

Retomamos aqui a questão da narratividade, no caso, urbana, já que a questão do processo de significação, em que se inscreve o *Parkour*, apela para esta noção, pensadas as condições de sua produção.

Observando a maneira como é definido o *Parkour*, podemos, agora, pensando as condições de produção e o sujeito na sua relação com a memória e o espaço, observar um processo de ressignificação do *Parkour*. Pelo seu acontecimento no espaço urbano, pelas condições em que se produz e pela maneira como o sujeito se individua nessa prática, que é uma prática discursiva – simbolização do sujeito em corpo e espaço -, ele deixa de se inscrever na formação discursiva militar e rompe com sentidos do que significa esporte. Passa a ser um traçado do corpo na rua. Em francês, “trace” liga-se a “seguir”. Gesto de interpretação da relação corpo e espaço urbano, significando o sujeito como parte do seu percurso, de seu trajeto, do seu traçado. Movimento que avança. Fazendo seu traçado, ele segue. Pela rua, pela calçada, pelos muros, por sobre obstáculos. Em que os próprios

objetos que compõem este espaço percorrido são ressignificados por estes gestos de interpretação: o Parkour.

Este é o processo de significação da composição da narrativa que ele segue, que ele traça, como escrita de si: trilha de seu próprio corpo na materialidade do espaço. O espaço-rua, em que sujeitos habitualmente andam em calçadas, desviando-se de obstáculos, ganha nova materialidade significativa: textualização de uma forma de diversão, que significa os obstáculos como parte de si. Nos seus gestos, na relação com esta textualização, o sujeito se reescreve, ressignificando-se enquanto corpo que se transmuda em “instrumento”⁷ móvel, que se desloca, transferindo sentidos para os objetos (obstáculos) com que se depara: tudo é rua, tudo é espaço urbano: percurso. Instala-se novo/outro estado do processo discursivo. Corpos/objetos em movimento.

Pensando-se a historicidade desse processo de significação, esta é uma segunda atualização da escrita de si. A primeira se dá quando David, o iniciador do Parkour, impossibilitado de ser bombeiro, transfere seus movimentos para um gesto de diversão, socializando sua habilidade com seus amigos, e cria a brincadeira: o Parkour. Jogo da memória, deslizamento de sentidos, efeito metafórico que faz derivar o esporte para o jogo de rua, em que o espaço urbano, em sua corporiedade, alia-se/permeia o corpo do sujeito passante. O Parkour é esta mistura em que se indistingue o que é objeto e o que é gesto de interpretação do objeto, que o transforma como parte constitutiva do traçado narrado pelo corpo que lhe dá, e dele toma, sentido. O corpo-narrativa traça seu sentido no traçado do Parkour. O corpo é o seu traçado.

2. Estrutura e Acontecimento

Espaço, corpo e movimento determinam, nesta discursividade, sua estrutura e funcionamento. E o acontecimento do significante no sujeito, cataliza o processo de significação que a define, deslocando e desestabilizando sentidos de uma formação discursiva meramente sustentada na ideia de “exercício”. Neste acontecimento discursivo, o corpo é materialidade específica de significação do sujeito em sua relação com o espaço e o movimento. O Parkour, como acontecimento discursivo, traz um sujeito que se significa, e ao espaço que torna possível essa sua textualização, enquanto produtor de sentidos abertos

ao equívoco e a diferentes gestos de interpretação. Entre elas, as interpretações de si. O sujeito, em uma escrita de si, se significa, significando a cidade pelo traçado que faz, nele, a cidade significar. Metaforização em corpo e movimento: o muro não é muro, é escalada; o impulso, pulo, é gesto que significa, e, nessas condições, constitui-se uma narrativa. A cidade não é a cidade empírica, é traçado do funcionamento do interdiscurso na forma como o sujeito se individua na relação com o Estado: deslocando os sentidos das políticas públicas urbanas que administram artefatos alocados nesse espaço por eles, na relação com o corpo dos sujeitos: rua, calçada, muro, banco, semáforo, etc.⁸.

Uma memória se diz, desencadeando um processo identitário, apoiado em um modo de individuação do sujeito, pelo Parkour, afirmando/vinculando seu pertencimento, ou antes, afirmando sua posse de mundo, de espaços de interpretação que o metaforizam na narrativa de seu próprio corpo, consoante a sua prática discursiva, materialidade do corpo em movimento, textualizando-se na materialidade do espaço: a arte do deslocamento. Prática que o metaforiza na narrativa de seu próprio corpo no movimento de sua autoria. Dito de outra forma: corpo textualizando-se no espaço; materialização do espaço em corpo em movimento. Inseparáveis. O sujeito, em sua materialidade, inscreve-se enquanto corpo como um significante de si, inseparável do traçado que o metaforiza no corpo da cidade. Indistintos. Uma só forma material: a que se faz narrativa. Conjugam-se. O objeto/muro e o instrumento/corpo. Atravessam-se. Fundem-se. Um adere ao outro e transmudam-se: o obstáculo não é obstáculo, o corpo não permanece corpo, é forma em movimento. Traço.

3. Algumas Considerações reflexivas

Nessa conjugação, os sentidos não são de um nem de outro: nem do sujeito corpo nem do objeto urbano. A escrita de si desgarra-se do fato e, no acontecimento Parkour, produz os sentidos, dita a narrativa. Estrutura e acontecimento, como referimos, esta narratividade toma seus sentidos menos na sua produção, que em seu modo de circulação: a formulação está fundamente articulada ao modo de circulação dos sentidos/sujeitos. São as condições de circulação do sujeito com seu corpo que dão a deriva dos sentidos, a face de sua metaforização.

Metaforizando seu corpo em letra, o traçado do Parkour narra o sujeito na escrita de si. Memória, interdiscurso em pleno funcionamento. Formulação que textualiza dando corpo aos sentidos e aos sujeitos que assim circulam. Não mais o corpo empírico do indivíduo, mas o corpo simbólico, posição sujeito: feito de espaço de interpretação, movimento e traçado. Processo de identificação que se inscreve em uma formação discursiva outra. Infiltrando-se, faz deslizar sentidos do corpo e(m) cidade. Marca sua inscrição: a rua é enquadramento, espaço significado, cidade. O sujeito cidade se narra no Parkour. O sujeito, individuado no Parkour, identifica-se em seu corpo cidade. In-corpo-ra seu trajeto. Deixando em seus traços sua assinatura-(escri)tura, a-firma-se.

Como dito acima, como modo de individuação, o Parkour identifica o sujeito pela sua inserção em numa formação discursiva em que a cidade, em seu espaço, formula-se como corpo do sujeito infiltrando-se no corpo da cidade pela transferência de obstáculos em parte de seu traçado, em escrita de si. Infiltração com efeitos de ambos os lados que resulta em um sujeito – posição-sujeito – que assim vai fazer parte da formação social, ressignificando o que é espaço urbano, desorganizando o que o consenso administrativo, ao gerir as políticas públicas, estabiliza.

Nessa forma de escritura de si, o sujeito estende seu corpo no movimento de sua identidade⁹, corpo-cidade, pontuando o poder do administrativo em seu modo de habitar o espaço urbano, com sua práxis desorganizando a forma-cidade instituída, aí im-posta. Figuras dissonantes, im-posturas, habitam a formação social, criando outro espaço de sociabilidade, que incorpora o espaço da cidade e seus objetos dando outra forma à cidade, e ao sujeito. Esta dinâmica desloca o gesto, o corpo e sua identidade, interrogando assim as maneiras de ser no enquadramento do espaço de interpretação em sua materialidade. Interroga assim a materialidade do corpo em suas formas de significar(-se).

Sabemos que as palavras, os gestos, os corpos são governados em sociedade e sentidos se traçam, nos trajetos sociais, percursos históricos. Filiam-se a memórias e submetem-se a processos de estabilização. Organizam-se. E a cidade, o espaço urbano é estabilizado tanto pelo administrativo como pelo próprio discurso dos especialistas do espaço urbano: o urbanista, o paisagista, o

administrador. O discurso sobre o urbano acaba por fixar sentidos no discurso do urbano: um transeunte deve ficar na calçada e, ao atravessar a rua, deve fazê-lo pelas faixas de pedestres etc. Pois bem, o Parkour, ao colocar o corpo não como objeto, mas como situação, tomada de posse do mundo, é, neste sentido, uma forma de desorganização do discurso estabilizado, administrativo, que governa a sociedade. Ele irrompe com um corpo de um sujeito que traça outros sentidos, filia-se a outra memória, a outra formação discursiva. Resiste. A funcionalidade original da forma da cidade se perde e se perde a sua organização burocrática. Outra ordem se instala em outra formação social, outro desenho, outra historicidade. Também o corpo, em sua materialidade, desloca-se em seus sentidos.

Ao colocar o corpo, não como objeto, mas como situação, tomada de posse do mundo, o Parkour é uma forma de desorganização do discurso administrativo, que governa a sociedade. Irrompe com um corpo de sujeito que traça outros sentidos, inscreve-se em outra formação discursiva. Resiste, em seu poder disruptivo. Arte do deslocamento do corpo no espaço.

O trajeto, a narrativa em seus traços, podem aqui ser tomados como trilha. E lembro um cartaz das manifestações recentes: “*Fechamos as ruas para abriremos caminho*”. Caminho para o Brasil. Neste cartaz, *fechar* e *abrir* alternam-se, ao mesmo tempo em que *rua* desliza para *caminho*. Já no Parkour, a *rua* desliza, sofre uma deriva em seu modo de significar, passando pelo que significa *caminho* e desembocando, como dissemos, significando mais propriamente *trilha*. No lusco fusco da ecologia, na aproximação do homem e natureza, a trilha serve aos humanos e não humanos. O Parkour, em sua materialidade, carrega a materialidade do corpo do sujeito no movimento que tange o espaço da trilha naquilo em que ela indistingue o humano: caminho do salto, do pulo. O gato, a onça, o macaco, o homem.

Esta busca de outra forma material para o corpo do sujeito está em suas manifestações, sejam elas a tatuagem, a pichação, o Parkour. Outras formas: o gótico, o vampiresco, o animal, o tecnológico em suas miríades de formas. O sujeito se busca nas formas que alteram sua relação com seu corpo. O Parkour é uma forma de caminhar outra. Para ela, o sujeito se encontra outro corpo, outros movimentos, outra relação com o corpo da cidade. E daí tira seu sentido.

Assim como em manifestações musicais como o rap, perde-se o regime de validade entre erudito e popular, em uma práxis como o Parkour, não opomos cidade e campo. No Parkour, estas oposições se desorganizam, não fazem sentido. No jogo – diversão – o Parkour é, em sua materialidade e na materialidade do corpo do sujeito, ludicidade que metaforiza, transfere sentidos tanto da cidade, em seu espaço de interpretação, como do sujeito, em seus modos de individuação e processos de identificação, sempre em movimento. O chão transmuda-se: não é só chão, é matéria do traço de uma trilha/narrativa, escritura de si. A narrativa é o traço da inscrição do corpo do sujeito no corpo da cidade, re-significando-se na escrita de si.

Corpo e espaço reescrevem o sujeito: e essa forma-sujeito, a capitalista, que tem na cidade uma ancoragem urbanizada, individual-se, no Parkour, enquanto *sujeito poesia*. Na trilha. Desliza metaforicamente, e de tal modo, que é o traçado/narrativa que significa e não o indivíduo em si: corpo e espaço reescrevem o sujeito, significando-o em outra ordem de relação, deslocando seus sentidos, desorganizando a ordem do urbano, em que seu modo e condições de circulação traz, em sua materialidade, sua forma de resistência, em sua formulação, sua escrita de si. Sujeito em movimento, em fuga.

Notas

¹ Nesta formulação, vemos “materialidade” e “significa” juntos. Em meu livro *As formas do Silêncio*, de 1992, podemos ler, na página 67: “A “legibilidade” do silêncio nas palavras só é tornada possível quando consideramos que a materialidade significante do silêncio e da linguagem diferem e isso conta nos distintos efeitos de sentido que produzem”. Retomo aqui esta citação para dirimir qualquer dúvida a respeito do uso que fiz já em 1992 da expressão materialidade significante e da importância que sempre dei às diferentes materialidades da linguagem, em seus distintos funcionamentos.

² A palavra “vândalo” merece um estudo a este respeito. Muitas vezes os pichadores são chamados de “vândalos”, sobretudo em propagandas das prefeituras. Vândalo é o pichador; vândalo é o manifestante de rua. É assim que o poder estabelecido e a mídia significam a posição de quem protesta, quando o processo social é de segregação: vandalismo.

³ Sempre lembrando que, no caso da análise de discurso, este “escolher-se” adquire um sentido particular já que sabemos que não há relação sujeito e sentido que não seja tocada pelo inconsciente, pela ideologia.

⁴ A alienação desenvolve-se, diz Marx (1884), quando o indivíduo não consegue discernir e reconhecer o conteúdo e o efeito de sua ação interventiva nas formas sociais. Eu diria, neste caso, nas formas espaciais do urbano.

⁵ É assim que defino narratividade no projeto “Discurso, individuação do sujeito e processos identitários: sentido, espaço e memória no Sul de Minas”, Grupo de Pesquisa da UNIVÁS.

⁶ David Belle (Fécamp, 29 de abril de 1973) é um desportista francês. Nasceu e cresceu no Sena Marítimo, na Normandia. Oriundo de uma família simples dos subúrbios de Paris com antepassados relacionados com o desporto. Os primeiros 14 anos de vida foram passados em Fécamp e mais tarde em Sables d’Olonne. Foi criado pelo avô materno Gilbert Kitte, que desde cedo despertou em David uma paixão para o heroísmo e o saber ajudar as outras pessoas. Tanto no avô como no pai existia um passado relacionado com o exército e os bombeiros. Seguiu as pegadas do seu avô e pai, tornando-se um Bombeiro Sapador Parisiense. Infelizmente devido a uma lesão no punho, desistiu e nunca mais voltou. Mais tarde, tratado da lesão, entrou no exército francês e ganhou mérito batendo recordes dos treinos. Venceu também o campeonato Essonne de obstáculos em tempo recorde. David sempre foi uma pessoa simples e acredita no desporto para a vida diária. Procurava o que era útil. Aprendeu com o pai desde cedo a saber algumas técnicas/treinos militares que pôs em prática desde muito novo com os amigos (Yahn, Frederic Hnautra, David Malgogne, Sébastien Foucan e Kazuma). A brincadeira originou o nome da prática, Parkour.

⁷ E “instrumento”, aqui, sofre um processo semelhante ao que diz P. Henry (199), quando se pensa a transferência de um conceito ou noção de uma teoria para outra: ele não é apenas um instrumento no sentido pragmático, mas teórico, ou seja, muda de sentidos, refaz processos de significação, reorganiza a relação sujeito/sentidos.

⁸ Não posso deixar de citar aqui o que me disse um malabarista em entrevista no Labeurb: “O semáforo é minha vida”. Nada a ver com aquele artefato com luzes verde, amarela e vermelha, colocado nas esquinas e que chamamos “sinal de trânsito”.

⁹ Não desconhecemos, ao falar em identidade, a crítica aos modos de subjetivação subordinados ao regime identitário e ao modelo de representação de que fala S. Rolnik (1996), a partir de Deleuze e Guattari. O que se observa hoje, diz a autora (*idem*) é a pulverização rápida das identidades o que pode supor que o modelo identitário estaria sofrendo igual pulverização. Mas não é bem assim. Segundo ela (*idem*), ao mesmo tempo em que se dissolvem as identidades, produzem-se figuras-padrão, de acordo com cada órbita do mercado. Identidades locais fixas desaparecem para dar lugar a identidades globalizadas flexíveis. No caso que analisamos, não prevalece, no modo identitário, esta homogeneização, mas seu poder destrutivo: resistência, como veremos.

Referências bibliográficas

BATAILLE, G. (1946). “Le sens moral de la sociologie”. In: *Critique I*. Paris.

BEAUVOIR, S. (2002). *O Segundo Sexo*. vol.I. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. (2005). *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes.

ORLANDI, E. P. (2001). *Discurso e Texto*. Campinas, SP: Pontes.

ORLANDI, E. P. (Org.). (2001). *Cidade Atravessada*. Campinas: Pontes.

ROLNIK, S. (1996). “Esquizoanálise e Antropofagia”. Texto apresentado em *Encontros Internacionais Gilles Deleuze* (Brasil, 10-14 de junho de 1996).

Palavras-chave: Parkour, cidade, arte,

Keywords: Parkour, city, art